

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MESOZOICO DA BACIA DO PARNAÍBA

Corrêa-Martins, F.J.¹; Assis, A.²; Mendes, J.C.²; Schmitt, R.S.²

¹Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; ²Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: A Bacia do Parnaíba é uma das grandes sinéclises interiores do Brasil, sendo objeto de estudos há mais de cem anos, mas ainda considerada uma bacia “de fronteira”, ou seja, o nível de conhecimento sobre ela é restrito. Vários fatores podem ser apontados para explicar essa situação, mas talvez um dos mais importantes se relacione às exposições de suas rochas, pois, enquanto a seção paleozoica da bacia apresenta bons afloramentos ao leste e ao sul, o mesmo não ocorre com a porção mesozoica, que ocupa a região centro norte/noroeste. Assim, não é surpreendente que exista uma diferença no nível de conhecimento geológico das duas seções.

Deste modo, tendo em vista trabalhos de campo realizados recentemente e, apoiados na revisão da bibliografia existente, julgamos procedente discutir alguns aspectos daquela seção.

A proposta da separação das formações cretáceas em uma nova bacia, que teria uma evolução tectono-sedimentar distinta da seção paleozoica, inicialmente ideada como uma anfíclise, e depois como resultado de um rift intracontinental, não parece sustentável, pela impropriedade do modelo, no primeiro caso e, no segundo, a pequena espessura das intrusões, secundada pela ausência de alterações significativas nos mergulhos das camadas parecem inviabilizar a proposição. Desta forma, a compreensão da evolução da bacia como um todo, dentro de um modelo poligenético, parece ser mais adequada.

As formações Pastos Bons e Corda tem sido posicionadas no Jurássico, como na última carta estratigráfica publicada pela PETROBRAS, em função da estratigrafia e, principalmente, por seu conteúdo fóssilífero, que foi posteriormente reavaliado, sendo proposto o reposicionamento delas no Cretáceo. A contemporaneidade da Formação Corda com as formações Grajaú e Codó, estabelecida na referida carta, foi recentemente contestada, considerando-a mais antiga que as outras.

Na carta citada, os contatos das formações Grajaú e Codó com a Formação Itapecuru são representados como discordantes, enquanto o entendimento existente é que são concordantes. A Formação Itapecuru, que a cartografia geológica representa como a maior unidade cretácea aflorante, ora é referida como depositada em paleoambientes fluviais, ora em paleoambientes estuarinos conectados ao Oceano Atlântico Equatorial, sendo recorrente a referência de ser constituída principalmente por arenitos e, subordinadamente, por pelitos. Ocorre que, nas proximidades do chamado “Arco” Ferrer-Urbano Santos, seu limite norte, se constatou que as rochas ali aflorantes são essencialmente pelíticas, sendo interpretadas como um sistema fluvial anastomosado, aparentemente sem influência marinha, e que estão, inclusive, em algumas partes, depositadas sobre a estrutura.

Esta constatação, associada aos dados das linhas sísmicas que mostram uma continuidade da formação ao norte, permite concluir que o “arco” não funcionou como uma barreira para a sedimentação, além de sugerir que sua origem e evolução são mais complexas do que se supôs até agora. E, do ponto de vista tectônico, não se trata de um arco, mas sim de um alto estrutural, e por isso formalmente propomos a alteração para “Alto Ferrer-Urbano Santos”.

Por fim, alguns dos aspectos acima elencados sugerem existirem problemas no mapeamento geológico e na caracterização das formações, devido à semelhança das rochas ali existentes, constituídas essencialmente por psamitos e pelitos.

PALAVRAS-CHAVE: BACIA DO PARNAÍBA, MESOZOICO, ESTRATIGRAFIA.